



AEROPORTO DE ALCOCHETE

**Estudo ambiental a concurso este mês**

A Naer prevê lançar o concurso para a realização do Estudo de Impacto Ambiental do aeroporto de Alcochete no final do mês. Já se iniciaram os trabalhos de caracterização ecológica (empresa Mãe D'Água), de monitorização da qualidade do ar (pelo consórcio SondarLAB/UVW) e em breve arranca o estudo dos movimentos de avifauna.



ÁGUAS

**AdP financia-se com garantia do Estado**

O Estado vai ser fiador da Águas de Portugal (AdP) numa operação de financiamento no valor de 100 milhões de euros, que será realizada pelo Banco Europeu de Investimento (BEI). Em contrapartida, a empresa paga ao Estado 0,2% ao ano, um valor que compara com os 0,5% pagos pela banca.

**BANCA**

# Caixa Geral de Depósitos quer acabar com marca Banco Português de Negócios



Pedro Aperta

**Francisco Bandeira** | O presidente do BPN desde Novembro admite que encontrou no banco um cenário “bastante pior” que o imaginado à data da nacionalização.

## Banco corta remuneração de depósitos

➔ O Banco Português de Negócios (BPN) já está a reduzir as rendibilidades oferecidas nos depósitos a prazo. Os clientes que procurarem a entidade para subscrever as ofertas de aplicações a prazo já não encontrarão o leque de produtos do BPN que ofereciam taxas de remuneração de 7%, 8% ou mais nos depósitos a prazo. Esta alteração aplica-se, também, aos clientes que procurarem renovar os depósitos que já têm, após o seu vencimento, praticando agora a instituição, nacionalizada em Novembro do ano passado, taxa de remuneração dos depósitos a prazo entre os 3,5% e os 4%. Um “apanhado” feito pela Deco em final de Novembro concluía que o BPN, Banif e Popular eram as entidades mais generosas nos depósitos a prazo.

O Governo deve receber hoje as propostas da CGD para o futuro do BPN. Há vários interessados na operação do Brasil

**Filipe Paiva Cardoso**  
filipecardoso@mediafin.pt

A Caixa Geral de Depósitos (CGD) não irá manter a marca Banco Português de Negócios (BPN) “viva”, caso a entidade acabe por ficar na sua esfera. “A marca está gasta, não está pujante. A confiança é um valor importantíssimo para um banco e com tudo o que aconteceu...”, reconheceu Francisco Bandeira, vice-presidente da CGD e actual presidente do BPN, em declarações ao **Negócios**. “Mas se a opção acabar por ser a venda, os futuros accionistas é que terão que decidir”, sublinhou.

Na altura da nacionalização do banco, em Novembro do ano passado, foram dados 60 dias à CGD para elaborar e apresentar uma proposta para o futuro do BPN, prazo esse que agora termina. Por essa razão, e durante esta segunda-feira, as administrações dos dois bancos vão apreciar e entregar a proposta – cujos últimos detalhes ficaram acertados sábado – ao Governo, de forma a que este decida o que fazer com o BPN. “Vamos demonstrar agrado por uma [das soluções propostas], que pode ter várias ‘nuances’, e depois o accionista marcará uma data para discutir connosco”, explicou Francisco Bandeira. A discussão com o accionista não tem prazo de-

finido, podendo ocorrer ainda esta semana ou apenas na próxima.

Questionado na última sexta-feira pelo **Negócios** sobre qual o “timing” em que poderia acontecer uma decisão ou discussão sobre este “dossier”, fonte oficial do Ministério das Finanças referiu “que o prazo ainda não terminou e, só após esse momento, é que, oportunamente, serão divulgados os desenvolvimentos desta situação”.

Entre as hipóteses para o futuro do BPN incluídas no documento a ser entregue ao Estado deverão constar as opções de integrar o banco no “Universo CGD”, mantê-lo independente mas reconvertendo-o em banco especializado num segmento com outra marca ou, então, vendê-lo, seja como um todo ou em “fatias”.

**“Há um conjunto de interessados” no BPN Brasil**

Sobre os vários rumores a circular em relação ao futuro do BPN e de eventuais compradores da actividade deste banco, Francisco Bandeira, por ora, desvaloriza já que, como diz, “ninguém pode estar interessado em algo que ainda nem está à venda”. O responsável assume, todavia, “que há já um conjunto de interessados na operação do Brasil [do BPN]” mas, sublinha, “se decidir-

mos vender, logo veremos se apresentam propostas”.

A operação do BPN no Brasil é detida em 80% pela “casa-mãe” e em 20% pelo Banco Africano de Investimento, e foi lançada em 2003 focado nas pequenas e médias empresas. Actualmente, conta com correspondentes bancários em várias regiões, como São Paulo, Bahia, Espírito Santo, Goiás, Minas Gerais, Rio de Janeiro e Rio Grande do Sul. No primeiro semestre de 2008, o BPN Brasil registou um lucro de 2,1 milhões de reais – 694 mil euros à cotação actual –, naquele que foi o quarto semestre consecutivo de resultados positivos.

**“Cenário bastante pior” do que o imaginado**

Francisco Bandeira foi nomeado presidente do BPN nos primeiros dias de Novembro e agora, volvidos dois meses “no terreno”, admite que o que encontrou no banco “era bastante pior do que aquilo que era conhecido à data da nacionalização”.

“O cenário que encontrei confirmou e evidenciou que não havia outro caminho a tomar que não a nacionalização” do banco, reconheceu ao **Negócios**, detalhando, contudo, que não foi surpreendido já que entrou no BPN “preparado para o pior” dos cenários.



A marca BPN está gasta... não está pujante.

O cenário que encontrei [no BPN] era bastante pior do que aquilo que era conhecido à data da nacionalização.

Há um conjunto de interessados na operação no Brasil.

**Francisco Bandeira**  
Presidente Banco Português Negócios